

RESUMO - GT3: ESPAÇOS PARTICIPATIVOS NA CIDADE: PRÁTICAS E  
REINVENÇÕES DA DEMOCRACIA URBANA

**A OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS DA CIDADE COMO FORMA DE CUIDADO  
EM SAÚDE MENTAL E EXERCÍCIO DA DEMOCRACIA: UM RELATO DE  
EXPERIÊNCIA.**

*Geovane Santos Da Silva (geovanesilva70@hotmail.com)*

*Ana Júlia Silva Morais (anajulia062005@gmail.com)*

Introdução: A cidade sempre foi palco de disputas e de jogos de interesses. Os lugares reservados na cidade para os ditos "loucos" (população marginalizada da sociedade) foram os hospícios. Com o surgimento da reforma psiquiátrica no Brasil, um novo paradigma de cuidado eclodiu denunciando a violência e a banalização da vida. Deste modo, as pessoas com transtorno mental foram sendo inseridas nas cidades disputando lugar por uma via contra hegemônica. Na defesa intransigente dessa lógica, surge o grupo Viva a Cidade, que acontece todas as quintas-feiras à tarde no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Espaço Vida e tem como proposta garantir o acesso à cidade por duas vias. A primeira é incentivar os participantes do grupo a serem sujeitos ativos na construção coletiva da cidade e se inserirem nos espaços significativamente e a segunda é fazendo com que ocupem os lugares da cidade como modo de luta, resistência e, sobretudo, usando-a como elemento de cuidado e de saúde. Objetivos: Apresentar uma proposta de prática de inserção urbana de grupos subalternizados, relatar uma experiência que aconteceu no Parque Santana Ariano Suassuna com os participantes do grupo Viva a Cidade, fomentar relações de inserção e inclusão por meio do território. Metodologia: No dia 25

de setembro de 2025 foi realizada uma vivência externa no Parque Santana Ariano Suassuna localizado na cidade do Recife, envolvendo usuários/as acompanhados pelo serviço e equipe multiprofissional. A atividade foi organizada em dois momentos: inicialmente, uma roda de conversa conduzida por um profissional de educação física convidado que abordou a importância da atividade física para o bem-estar físico e emocional, seguido de alongamentos e exercícios corporais. Em seguida, foi promovido um diálogo coletivo sobre a relação entre saúde mental, cidade e democracia urbana, estimulando os participantes a reconhecerem o território como espaço de cuidado, pertencimento e construção de novas formas de convivência. Conclusões: A ocupação de espaços públicos por pessoas acompanhadas na saúde mental amplia o exercício da cidadania, rompe com preconceitos, fortalece vínculos e tensiona modelos de segregação urbana. Além disso, reafirma a cidade como arena de disputa política, onde diferentes sujeitos produzem presença e reivindicam direitos. Conclui-se que práticas como o grupo Viva a Cidade não apenas favorecem processos terapêuticos, mas constituem importantes estratégias de democratização das políticas urbanas, ao promover inclusão territorial, participação social e o reconhecimento do direito humano à cidade como componente fundamental de cuidado em saúde mental.

Palavras-chave: cuidado; cidade; saúde mental; democracia.